

SEMANA

49

1

Dia

| João 4.4-6

O Otimismo de Um Pessimista Experimentado

*“Maior é aquele que está em vós do que
aquele que está no mundo”*

1 João 4.4

Outro dia um amigo me deu uma definição nova do pessimista. Brincando, ele disse que o pessimista é um otimista altamente experimentado. Passado o riso, meditei no que ele disse. Minha experiência é justamente o oposto. Otimista é um pessimista altamente experimentado. O verdadeiro otimismo nasce das experiências do poder de Cristo em meio do que tornaria a pessoa em um pessimista.

O que significa isso, José? Não pergunte a José, Pedro, Maria ou Alberto. Eles não sabem! Mas quem sabe? Onde podemos encontrar o propósito das coisas num mundo como este? O que leva alguém a correr? Essa pessoa deve ser a última a ser consultada.

Olhamos ao nosso redor. As aspirações que experimentamos na selva de asfalto não deixam caminho claramente marcado. Tentamos, com Kafka, *“ver através da espessura das coisas”*. Somos tentados a nos entregar ao que Camus chamou de *“encontro sem esperança entre o questionar humano e o silêncio do universo”*. Nossos olhos estão abertos e somos forçados a ver o filme sem fim da depravação humana e da ultraviolência até que nos sufocamos, vomitamos e gritamos por socorro. Devemos concordar com T.S. Eliot: *“A humanidade não pode suportar muita realidade”*. Finalmente, nos identificamos com o homem que foi ao seu oftalmologista e disse: *“Eu gostaria de ter uma visão menos clara, por favor”*. Não podemos viver pelo temor apenas!

Quando nos permitimos um contato com a vida, sentimos dor, desapontamento, e a angústia que nos cerca. As pessoas são irresponsáveis e a sociedade descuidada. Os maus nos enraivecem, os neutros nos aborrecem e os bons que pouco fazem nos alarmam. O mundo natural tem mais catástrofes do que o suficiente para equilibrar seus recursos e beleza. As instituições de nossa cultura são dolorosamente lentas em responder à necessidade humana. A igreja muitas vezes é anacrônica, comunicando mais defesa que decisão. As pessoas que amamos nos perturbam e alguns de quem dependemos para nos guiar nos desapontam. Não é fácil ser otimista da vida ou do futuro.

Seremos pessimistas até que tenhamos dentro de nós um poder maior do que o mal do mundo. Havia desânimo crescente nas igrejas a que João escreveu. Parecia que era Satanás e não Jesus quem estava ganhando a batalha com o gnosticismo. Havia divisão entre os crentes, perseguição das autoridades civis e tentações a negar a Cristo diariamente. João lembrou-lhes a fonte do otimismo indestrutível. Eles podiam vencer porque *“maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo”*. O Cristo que em nós habita é a única fonte confiável de otimismo. Confiar nele fará do pessimista experimentado um otimista incansável

com uma esperança insaciável. Desmontemos o versículo e então permitamos que ele flua com toda a sua alegria.

O próprio Cristo é o centro de nosso otimismo. Ele enfrentou o maligno e venceu. Nosso Senhor enfrentou o mal encarnado nas pessoas. Ele não confiava nelas; ele as amava, sabendo o que fariam. A cruz parecia derrota até que ele venceu a morte e ressuscitou dentre os mortos. No Pentecostes ele entrou em seus discípulos a fim de dar-lhes o mesmo poder que ele havia mostrado em sua vida, ministério e ressurreição.

Paulo resumiu esta mesma segurança para os cristãos em Roma. *“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita”* (Romanos 8.9-11).

Note que a mesma ênfase na habitação de Cristo em nós é dada por João e por Paulo. Era este o segredo do seu otimismo a despeito das dificuldades visíveis que ambos enfrentavam ao viver a fé. Sabiam que todas as coisas eram possíveis mediante o poder da Pessoa que neles habitava. O Cristo que habitava neles controlava e dirigia suas mentes, infundia suas emoções e dava ânimo às suas vontades. O poder curador de Cristo gerava perseverança física e sua direção os tornava indubitavelmente intrépidos. Ambos haviam sido perseguidos, lançados em prisões, rejeitados, perturbados pela traição e desapontamento com seus companheiros de fé. Contudo, permanecem as palavras de João: *“Cristo em mim é maior do que Satanás ou seus agentes no mundo!”* E a afirmação corajosa de Paulo ressoa pelos séculos: *“Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”* (Romanos 8.38-39).

A tradução da Bíblia Viva de nosso texto dá-nos a reivindicação à segurança de que Cristo habita em nós. *“Queridos amigos, vocês são de Deus e já ganharam a luta contra aqueles que se opõem a Cristo, porque há Alguém no coração de vocês que é mais forte do que qualquer perverso deste mundo mau”* (1 João 4.4).

Isto ressalta a experiência básica que transforma o pessimista. *“Vocês já ganharam a luta”* é uma tradução exata de *neniketate*, o perfeito ativo do indicativo de *nikao*, a confiança calma na vitória final de Cristo. É a vitória dele, não apenas a nossa por ele. E porque ele foi vitorioso uma vez para sempre no Calvário na manhã de Páscoa, temos uma vitória contínua no que parece ser uma batalha incessante. O impacto disso é que cada problema novo é ocasião para uma compreensão nova da suficiência de sua vitória. Somos lembrados do uso que João fez antes deste tempo verbal: *“Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos”*. O significado é: sabemos que chegamos a conhecer e ainda o conhecemos.

Parece até haver um leve toque de alegre sorriso na segurança de João de que Cristo, em seus leitores, é maior do que o maligno no mundo. Quando consideramos o que Cristo fez e está fazendo, somos tentados a rir de nossa ansiedade febril em saber se ele vai nos livrar uma vez mais do problema por que passamos. Desejamos gritar com alívio: *“Por que estou preocupado? Cristo venceu, vence e vencerá!”*. É dessa semente que nasce o otimismo. Não é uma afirmação simplista de que as coisas vão funcionar, mas que Cristo fará com que todas as coisas funcionem para sua glória e prazer. Dirijo-me a você como um pessimista que tem experiência de Cristo se dirige a outro, saúdo ao otimista que podemos ousar sê-lo, a despeito do que se passa ao nosso redor. Acima de tudo, honro ao Cristo que vive em você.

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Senhor, tu sabes quão desanimados e impacientes nos tornamos quando pensamos estar sozinhos nas batalhas da vida. Obrigado por nos lembrares das três coisas que precisamos saber: tua vitória é final, pode ser realizada todos os dias e é suprema para a eternidade. Nosso pessimismo nos levou a ti e tu nos levaste ao otimismo autêntico. Em teu nome vitorioso. Amém”.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2 Dia

| João 4.7-12

Você é Muito Especial

*“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor
procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de
Deus, e conhece a Deus.”*

1 João 4.7

As velas em nossa mesa do restaurante lançavam um brilho radioso no rosto de minha esposa. Meu coração transbordava de amor, afeição e gratidão. Sentia puro deleite na pessoa que ela é. Desfrutávamos de umas férias deliciosas a sós. Tinha havido tempo para explorar os pensamentos um do outro, sentimentos, esperanças e mágoas. Intimidade mais profunda crescera durante passeios na praia. Períodos prolongados de comunicação de nossas necessidades interiores nos deram oportunidade de colocar em dia a pessoa singular que vive dentro de cada um de nós.

Levei a mão por cima da mesa e apertei a de Mary Jane. Nossos olhos se encontraram e expressaram a união que sentíamos. Procurei palavras que transmitissem a alegria vibrante que explodia dentro de mim. Um dom, um sacramento verbal, tinha de ser oferecido, de alguma forma, a fim de comunicar o prazer que surgia dentro, exigindo expressão.

- Você é muito especial! - disse eu.

- Obrigada! Eu o sinto. Você é especial também! - respondeu ela, com ternura.

Essa troca de afirmações deu início a uma longa conversa acerca do que significa ser alguém especial. Sentir-se especial. O que contribui para essa segurança dinâmica interior? Conversamos a respeito das pessoas que nos fazem sentir especiais. O que é que dizem ou fazem que motiva essa qualidade mágica da autoapreciação? Concordamos que vai muito além dos cumprimentos manipuladores ou da solicitude sentimental. É o impacto total da satisfação da pessoa para conosco a despeito de qualquer coisa que tenhamos feito, ou falhado em fazer e dizer.

Fazer alguém se sentir especial significa dar o máximo de atenção à pessoa interior que emerge, que se evolve. E perceber o milagre, que jamais será repetido, de cada indivíduo, e a luta em expressar essa singularidade. Por que são tão poucas as pessoas que nos fazem sentir especiais? O que torna tão difícil para a maioria de nós comunicar o deleite e estima a outrem, como cônjuges, amigos, companheiros de trabalho?

Com o correr dos anos, tenho observado que as pessoas capazes de infundir essa experiência preciosa e liberadora de autoestima nos outros são as que se sentem bem acerca de si mesmas. Sentem-se especiais e ajudam os outros a perceber que são especiais.

Mas isso não é fácil para a maioria das pessoas. Estão mais cômicas de seus defeitos e insuficiências do que de suas forças e habilidades. O livro da autoavaliação registra mais perdas do que lucros. O amor próprio criador é difícil para muitos de nós, sabendo tudo o que sabemos a nosso próprio respeito. E nunca há falta de companhias autonegadoras que fortalecem nossa autoimagem negativa. Se não tivermos entusiasmo por nós mesmos, poderemos ter certeza de que ninguém ao nosso redor se entusiasmará por si mesmos.

Isso tem base em problema mais profundo. Muitos de nós fomos condicionados, na infância, a sentir que a autoapreciação era arrogância. Ter prazer em nós mesmos era considerado sinal seguro de orgulho. De modo que poucas pessoas chegam à maturidade podendo dizer: *“Estou contente de ser eu mesmo!”*. O que não compreendemos é que o louvor é o único antídoto contra o orgulho. Um profundo sentimento de gratidão por nossas habilidades e talentos é a verdadeira fonte da autoafirmação criadora. A liberdade de amarmos a nós mesmos é resultado da realização de que tudo o que temos e somos é um dom. As pessoas que fazem os outros se sentirem especiais têm esta humildade autêntica. A questão é: como é que podemos descobrir isso? Nesta magnífica passagem, o tema central de sua carta, João nos diz como fazê-lo.

É um dom de Deus. Só ele pode quebrar o jugo da autodepreciação e nos libertar a fim de desfrutarmos do ser nós mesmos. Começa com um relacionamento pessoal com ele, cresce com uma realização de que ele é a fonte de nossa vida e é expresso na gratidão pela pessoa que ele nos capacitou a ser. O desafio é aceitar a sua atitude para conosco como a nossa própria atitude para com nós mesmos. A palavra dele para cada um de nós é: *“Sei tudo ao seu respeito. As necessidades e os fracassos. Amo-o assim como você é! Você me pertence. Eu o criei. Tenho cuidado de você por todos estes anos. Tenho-o abençoado com as habilidades e talentos. Tenho tornado o futuro seu amigo. Tudo é possível. Você é muito especial para mim!”*

Mas como é que podemos ter a certeza? Que prova temos de que Deus nos conhece, que ele cuida de nós e é por nós? Algo muito poderoso é preciso a fim de contradizer e transformar nossa atitude mesquinha para com nós mesmos.

É por isso que Deus veio em Jesus Cristo. No tempo, mas para todo o tempo, ele veio a fim de revelar sua natureza essencial de amor que dá, perdoa e não muda. O que ele disse acerca de si mesmo e do que devíamos ser merece toda a nossa confiança. Jesus foi o Emanuel, Deus conosco. Por meio dele, Deus nos disse que cada um de nós é favorecido. Que ele se agrada de nós e que somos de valor imensurável para ele. É este o impacto da encarnação. A palavra pessoal de Deus para nós!

A saudação a Maria no momento da concepção da encarnação revela a atitude de Deus para com toda a humanidade. *“Salve, agraciada, o Senhor é contigo.”* Ele veio a fim de apagar qualquer dúvida de que somos seu povo agraciado. Essa graça habitou corporeamente em Jesus Cristo. As palavras ditas no batismo do Salvador agora são a segurança de nosso Pai para cada um de nós. *“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”* Deus se agrada de nós! Jesus expressou tal fato em seus relacionamentos com as pessoas. Ele inspirou confiança e ousadia. Os tímidos criaram coragem. Os fracassados receberam perdão e uma nova imagem do seu potencial. Os inseguros tornaram-se audazes. Os autodepreciadores foram liberados a

fim de celebrar seus dons dados por Deus. Tudo por causa do poder liberador do seu amor a cada pessoa, Cristo morreu pelo pecado do mundo.

Agora olhe para a cruz e ouça Deus dizer: *“Essa é a medida de meu amor por você!”*. A palavra pecado significa errar o alvo. Três palavras que delineiam o seu poder destruidor são: separação de Deus; independência do desejo de dirigir nossa própria vida; negativismo acerca da vida, de nós mesmos e das outras pessoas que Deus nos deu. Entretanto, o amor perdoador de Deus não se desanima. Somente a graça – favor imerecido – pode quebrar nossa resistência a uma vida de alegria.

A cruz foi uma revelação histórica, de uma vez e para nunca mais ser repetida, da graça de Deus. João captou a dinâmica desse fato: *“Nisto se manifestou o amor de Deus em nós, em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”* (1 João 4.9-10). Antes que pudéssemos ganhar ou merecer o amor, Deus nos amou. Só isso pode vergar o prato da balança da autonegação.

A ressurreição foi o melhor que Deus pôde fazer para o pior que o homem realizou. A vitória da manhã de Páscoa foi a validação final de que Jesus foi quem ele disse ser e que sua morte foi a derrota final das forças da morte e das trevas. O túmulo não o pôde reter. Ele voltou! No Pentecostes, o mesmo Espírito que habitou em Jesus voltou em poder, a fim de permanecer na nova humanidade. A igreja nasceu. Deus, Criador, Salvador e agora Espírito capacitador fez sua morada de após ressurreição na mente e coração do seu povo. Uma nova criação de homens e mulheres foi solta no mundo. Eles se tornaram em uma raça de pessoas amadas, perdoadas e agradecidas, modelando a intenção original de Deus para com toda a humanidade. Seu amor por eles libertou-os a fim de amarem a si mesmos e aos outros. O resultado histórico da encarnação de Deus foi a exclamação: *“Nossa, como esses crentes amam uns aos outros!”* João queria que tal fosse dito a respeito das igrejas a quem ele dirigiu suas cartas tanto tempo atrás.

Descobrir isso hoje requer relacionamento profundamente pessoal com o Senhor. Seu amor deve penetrar as profundezas de nossa personalidade. Como o oleiro experiente, ele remodela a argila de nossa autoimagem. O milagre é realizado. Podemos submeter nossas atitudes protetoras e defensivas. São substituídas pela experiência de sua aprovação, intimidade e ânimo. O que o Senhor disse de Abraão pode ser repetido, interpondo nosso próprio nome: *“Abraão, meu amigo”* (Isaías 41.8). Ouse dizer seu nome – amigo de Deus! *“Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e foi chamado amigo de Deus”* (Tiago 2.23). Ou pense em Moisés. O Senhor falava com ele *“face a face, como qualquer fala a seu amigo”* (Êxodo 33.11). E conhecemos muito mais de Deus do que Moisés conheceu. Temos contemplado a face de Deus em Cristo. Quando amamos, temos algo melhor do que a vista, pois Deus habita em nós. *“Amados se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é em nós aperfeiçoado”* (1 João 4.11-12).

Este relacionamento profundo com Deus resulta numa qualidade totalmente diferente dos relacionamentos com as pessoas. Somos libertos a fim de amar como somos amados. É

essa a chave a respeito da qual João fala. Podemos abrir nossa pessoa interior aos outros. Isso os liberta para serem reais para conosco. Nossa autoestima motivada pela graça capacitará as pessoas a apreciarem a si mesmas. Grandeza é ser a pessoa com quem outros se sentem grandes. Você já notou que algumas pessoas o impressionam com a importância delas, e outros o deixam com o sentimento da importância que você tem? Que diferença! Quando estamos seguros no amor de Deus, podemos gastar nossa energia com as outras pessoas, ajudando-as a perceber o milagre especial de personalidade que são. William Penn escreveu no prefácio do diário de George Fox o que as pessoas deviam sentir em nossa companhia: “*Ele era um original e não cópia de ninguém*”. Ajudar as pessoas a descobrirem a estratégia original e única para suas vidas é o propósito emocionante da vida.

Todos nós necessitamos de pessoas que se importem o suficiente por nos conhecer e partilhar de nossas lutas. Ansiamos ter uma intimidade com pessoas vulneráveis, amigos francos que creem em nós porque creem em si mesmos. Todos experimentam a necessidade dolorida de ter alguns amigos íntimos que os ajudem a adquirir o prazer da autoestima. É vocação central dos pais. Desafio do casamento. Responsabilidade que todos nós partilhamos.

Como começar? É isso que todos nós desejamos saber. Eu não gostaria de zombar de nossa necessidade urgente de amigos de confiança e do desejo de ser um amigo querido de muitos com trivialidades fáceis. Há uma fórmula muito concreta e específica para percebermos que somos muito especiais e comunicar a outros que eles são especiais.

1. Comece consigo mesmo. Você tem prazer em ser você mesmo? O que impede essa emoção? Recordações? Frustrações? Sentimentos de insuficiência, autocondenação?
2. Ouse ser íntimo com Deus. Seja completamente sincero com ele. Conte-lhe as suas necessidades presentes e as ansiedades que se encontram no porão de sua mente.
3. Permita que o Espírito de Deus lhe revele o que ele é. Medite em seu amor ilimitado em Cristo, na cruz, na derrota dos poderes das trevas. Permita-lhe alimentá-lo com seu amor.
4. Reivindique com ousadia o quadro que Deus faz de você para que seja o foco dos olhos de sua mente. Amplie com clareza viva a pessoa que ele vê em você. Depois imagine o que você seria se estivesse pleno de sua graça.
5. Diga a Deus que você deseja ser para os outros o que ele tem sido para você. Faça uma relação de doze pessoas que precisam saber que são especiais. Ore por elas. Exercite a imaginação inspirada a fim de vê-las livres, pessoas autoapreciadoras que afirmem a vida. Dê graças a Deus por torná-las assim.
6. Quando você se encontrar com essas pessoas, ore pedindo direção. Sinta o calor de sua própria “*especialidade*”. O fato de você se sentir especial transbordará sobre elas. Diga-lhes o quanto significam para você. Não apenas as coisas boas que fizeram; mas a grande pessoa que são! Concentre sua atenção nelas como se fossem as únicas pessoas de seu interesse e tempo. Ouça o que elas têm a dizer e o que é dito nas entrelinhas. Toque o ponto nevrálgico de seus desânimos e sinta o pulsar de suas alegrias.

7. Complete com um telefonema, uma carta, um contato repetido lembrando especificamente seu interesse pela margem de aventura da vida sobre a qual elas vivem. Abra o coração acerca de suas próprias lutas e vitórias ao ousar ser autêntico no viver a vida. Diga-lhes do poder que lhes é disponível quando tentam as coisas que jamais poderíamos realizar sem a ajuda do Espírito Santo. A vida da maioria das pessoas é monótona e sem graça porque tentam apenas o que podem realizar com suas próprias forças. Você se tornará um companheiro de aventuras para elas.

Todo o mundo tem o direito inalienável, como pessoa, de experimentar a autoestima. Isso começa com Deus. Mas jamais termina aí. O verdadeiro teste de que aceitamos a maravilha de ser um insubstituível milagre de Deus é que as pessoas se sintam especiais quando estamos com elas. O amor não é cego. Tem a visão que penetra por meio do que poderia ter sido e vê a pessoa agraciada e única lutando para ser livre dentro de cada um de nós.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

| João 4.13-21

Permanência e Abundância

“Aquele que permanece no amor permanece em

Deus, e Deus, nele.”

1 João 4.16

O anúncio de um novo tipo de relógio digital captou minha atenção. A mensagem ousada no topo do anúncio era arrebatadora: *“Finalmente, um relógio de luxo com a mensagem pessoal do seu possuidor”*. A propaganda continuava: *“Agora, pela primeira vez, combine um sistema avançado de verificação de horas com sua própria mensagem feita sob encomenda. Atraia a atenção dos outros com este relógio de seis funções que acende qualquer mensagem em caracteres LED. Um presente ideal e personalizado, prêmio de incentivo, ou mensagem pessoal”*.

Este relógio revolucionário prometia exatidão e durabilidade. Os três botões do lado me fascinavam. Um podia ser pressionado para leitura da hora do dia, segundos do minuto, dia do mês e dia da semana. O outro servia para ajustar o mecanismo do acerto do relógio. O terceiro botão oferecia uma qualidade singular. Um leve toque acenderia as letras de palavras escolhidas pelo dono do relógio. A gente podia ter até dezessete letras para qualquer mensagem que desejasse para si mesmo ou para o que ia receber o relógio. Toda vez que o botão fosse apertado, um lembrete, uma afirmação ou lema brilharia em caracteres LED vermelhos.

Você pode imaginar o que isto me trouxe à mente. Levou-me a pensar na mensagem que formularia para um relógio que eu comprasse para mim. O que você colocaria no seu? As ideias fluíam livremente. *“Deus o ama!”*; *“Agora é tudo o que tenho!”*; *“Redima o tempo!”*; *“Viva ao máximo!”*. Poderia prosseguir interminavelmente.

Então fiquei a imaginar o que eu colocaria num relógio para os outros. Pensei numa frase para minha esposa ou para os filhos. E meus amigos? Se eu estivesse em condições de comprar vários milhares de relógio, o que desejaria eu comunicar aos membros de minha congregação? Logo me encontrava em um daqueles estados de espírito que diz: *“Se você pudesse dizer uma única coisa para as pessoas que ama, o que diria?”*. Tomei um pedaço de papel e comecei a compor letras para formar palavras que expressassem meu amor e interesse. Apenas dezessete caracteres! Tudo desde *“eu te amo!”* até *“você é especial”* a *“poder para você!”* competia por minha escolha final. Depois de muito pensar, selecionei os caracteres que, se a pessoa seguisse a mensagem, faria que nada fosse impossível: *“RECLAME O QUE É SEU!”*.

Minha esperança coerente e urgente para as pessoas a quem amo é que reivindicuem as riquezas ilimitadas da graça de Deus em Jesus Cristo. Tudo de que necessitamos já foi oferecido e está à nossa disposição: amor, perdão, vida eterna, recursos incalculáveis para as

pressões diárias. Eu não podia pensar em alguma necessidade de qualquer de meus amigos que não fosse preenchida se ele reivindicasse o que é dele.

Alguns de vocês provavelmente estejam muito adiante de mim neste ponto. Adivinhou! A seguir, comecei a imaginar o que João colocaria num relógio digital como sua mensagem pessoal para a igreja. Quando vi o anúncio meus estudos estavam imersos nas epístolas de João. Tendo em mente nossa meditação nas cartas do apóstolo até aqui, o que você acha que ele colocaria numa mensagem de dezessete caracteres ou menos?

“Amai uns aos outros!”, foi minha escolha imediata. Então, depois de pensar um pouco mais, fiquei convicto de que João poderia ir além dessa admoestação, ir ao motivo dela. Ele provavelmente usaria apenas dez letras. Uma palavra e um ponto de exclamação resumem o interesse de João por seus amigos. Ele poderia dizer em uma palavra o que eu precisava de dezessete letras para expressar. Seu passe cristizador seria *“Permanecei!”*.

João usou a palavra permanecer em várias formas, vinte e três vezes em suas três epístolas. Ele desafia as pessoas a permanecerem em Deus e permitirem que Deus permaneça nelas. Dessa comunhão magnífica tudo mais flui naturalmente. A soma e substância da mensagem estimuladora de João foi *“permanência e abundância”*.

A palavra permanecer significa morar, habitar, viver, alojar-se, residir ou descansar. Traz a ideia de continuação, fidelidade, permanência constante e sem limite. Isso trazia uma dinâmica dupla para João. Devemos permanecer em Deus e habitar seguros em sua soberania e amor. Permanecer é colocar nossa confiança total em quem Deus é e em tudo o que ele fez por nós. Esta confiança dependente em sua confiabilidade suprema nos abre para receber seu Espírito, a fim de residir em nossa mente e coração.

Na noite anterior à crucificação de Jesus, sua ordem foi: *“Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós”* (João 15.4). Permanecer em Cristo para nós é tornar-nos recipientes de sua morte e ressurreição. Ele morreu para perdoar nossos pecados e ressurgiu para derrotar o poder do pecado e da morte. Tudo o que Cristo disse, fez e faz torna-se eficaz para nós pessoalmente enquanto nele permanecermos. Mas a dimensão de poder da vida cristã é o Cristo que habita em nós. *“Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”* (João 15.5).

Permanecer é abundar. Tornamo-nos recipientes de suas abundantes bênçãos mediante suas intervenções constantes. Enchemo-nos de triunfo. Abundar é estar completamente supridos de tudo o que precisamos para levar uma vida ousada, aventureira, excitante e verdadeiramente satisfatória.

1 João 4.13-17 apresenta um crescendo de louvor por toda a abundância que nos foi dada como resultado do permanecer. Empilha-se promessa sobre promessa. Emociona-nos tudo o que é nosso.

Primeiro, recebemos o Espírito Santo. *“Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele em nós, em que nos deu do seu Espírito”*. Poder capacitador. A vida cristã é impossível sem o poder gerador do Espírito dentro de nós. Tudo o de que preciso neste instante para meus relacionamentos e responsabilidades pode ser encontrado nos dons do Espírito Santo: amor,

sabedoria, conhecimento, fé, poder de levar cura às vidas despedaçadas, capacidade de falar a verdade incisivamente e com graça, ousar crer que nada é impossível, capacitação ao discernimento e a liberdade de louvar em todas as eventualidades. Quando o Espírito de Jesus passa a residir em nós, seu caráter é reproduzido em nossa personalidade. Sem percebermos, tomamos as características de amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Segundo, o permanecer nos liberta a fim de permitirmos que Deus nos ame nas dimensões mais profundas de nosso ser interior. Quando confessamos Jesus Cristo como nosso Salvador e Senhor, ele nos toma como seu projeto pessoal para reforma e renovação. *“E nós conhecemos e cremos o amor que Deus nos tem. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.”* Recebemos o poder de amar como fomos amados.

No grego, a palavra aperfeiçoado tem o significado de ter realizado um propósito. O amor de Deus cura nossa memória do pecado e fracasso. Reconstrói nossa autoimagem e nos capacita a amar e aceitar a nós mesmos. Depois nos ajuda ver as pessoas como são e como podem vir a ser. Somos libertos para libertar os tensos e presos ao nosso redor com o amor que cura. Quanto mais coerentemente permanecermos em seu amor, tanto mais ficaremos espantados com o fluxo de amor que corre por nosso intermédio. Quando somos alarmados pela nossa falta de amor, é um sinal de perigo de que precisamos permanecer mais profundamente no amor que Deus tem por nós. Companhia coerente, habitual nos tornará pessoas que amam.

Outro dia uma mulher veio me ver por causa das tensões entre ela e o filho. Analisamos e pesquisamos as profundezas do relacionamento distorcido. Depois que esvaziamos suas emoções de toda mágoa e angústia, algo – Alguém – tinha de preencher o vácuo de sua alma. Sua maior necessidade era permanecer e permitir que o Espírito que dá o amor encha o vazio. Permanência e abundância deram-lhe habilidade para amar.

Terceiro, permanecer lança fora o temor. O temor é a ausência de segurança da presença permanente do Espírito de Deus. É sinal seguro de que nos afastamos da comunhão íntima com Deus e de um círculo de confiança de companheiros que permanecem. Quando não estamos seguros de que Deus esteja conosco e que ele intervirá a tempo com força superlativa, as pessoas, os desafios da vida, o inesperado e a incerteza do futuro nos deixam amedrontados. A promessa do Senhor é: *“Jamais o deixarei nem o abandonarei”*. Sei que isso é mais certo do que o nascer e o pôr do sol.

Na semana passada sofri um desapontamento que me deixou profundamente magoado. No mesmo dia em que tive a notícia desagradável também recebi uma resposta inesperada à oração em outra área da vida que me lembrava de que Deus está em completo controle de nossas situações. Uma porta fechada foi seguida por outra aberta. Não preciso temer quando permaneço e tenho abundância.

João estava certo. *“No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor.”* A raiz do temor é um estado de graça instável. Nossa culpa interior pode ser curada pelo favor

imerecido de Deus. Quando sabemos que somos amados e perdoados, e que nada do que fizemos ou somos pode nos separar de Deus, podemos encarar tudo e todos sem medo.

Não quero ser superficial nem fazer pouco de sua luta com o temor. Todos nós somos, às vezes, perseguidos por temores – temor do fracasso, do futuro, das frustrações de nossas esperanças. O que pode fazer que eu tema? E você? Precisamos, com ousadia, fazer uma relação dessas coisas e examiná-las à luz da realidade. Mas isso é apenas o primeiro passo. Deve ser seguido de perto de uma conversa permanente com o Senhor. Quando conversamos com ele acerca de cada um de nossos temores e lhe pedimos que os exorcize com a cura específica, podemos ser libertos. Uma vez mais a fórmula de permanência e abundância funciona. À medida que nos aproximamos do Senhor em comunhão mais íntima, seu amor invade os lugares tenebrosos de nosso tímido coração com a infusão da abundância.

Por último, permanecer nos dá o poder motivador da graça proveniente. *“Nós amamos porque ele nos amou primeiro.”* Proveniência significa ir na frente. Um dos resultados mais capacitadores da permanência em Deus é descobrir que ele está sempre à nossa frente em cada relacionamento ou situação. Não há pessoa com quem devamos lidar, circunstância em que devamos entrar que ele já não tenha estado lá antes de nós. Nisso há segurança e paz. Não estamos sós. As palavras de Jesus, *“Eis que estou convosco”* enunciam uma promessa suprema de confiança. Mas ele não está somente à nossa frente quebrando terreno. Ele é o Senhor do futuro, Criador de possibilidades que de muito ultrapassam nossa imaginação!

Aprendi novamente este fato na busca da pessoa estratégica para nosso quadro de empregados. Meses de entrevistas não identificaram a pessoa certa. Estávamos quase a nos desanimar. Então, no momento exato, um homem que eu nunca imaginara que aceitasse o emprego foi motivado pelo Espírito Santo a fazer a inscrição. Durante todo o tempo em que estivemos buscando, o Senhor estava preparando o candidato de sua escolha. A experiência me levou a permanecer mais seguramente. Em minhas orações de louvor eu dizia: *“Senhor, tu fazes todas as coisas bem. Obrigado por teres ido na frente a fim de mostrar o caminho e encontrar-se comigo em tua resposta perfeitamente preparada. Ajuda-me a confiar mais em ti no futuro”*.

Desejo cumprir essa súplica. Mas conhecendo a mim mesmo, sei que posso desviar-me de meu lugar de permanência nele. Uma vez mais ele me surpreenderá com sua proveniência.

Podemos amar porque o Senhor não somente nos amou primeiro, mas porque ele constantemente nos ama. Abundância constante nos capacita a abundar com alegria e confiança. Ele nos ama antes que o amemos. Nosso amor sempre é uma resposta ao dele. Ele não nos ama porque o amamos. Isso é religião que autojustifica. O Senhor é sempre o iniciador. Nós o *“buscamos”* porque ele já nos encontrou. Seu Espírito tem operado em nós muito antes de tomarmos o evangelho a sério. É mediante seu dom de fé que cremos. Ele motiva cada oração que está pronto a responder. Nosso desejo de permanência é o eco de sua chamada persistente.

Um relógio digital com um mostrador que diz *“permanência e abundância”* pode ajudar. Não precisamos esperar por esse luxo. O Senhor não permitirá que esqueçamos. Os problemas e potenciais da vida lampejam a mensagem e a voz interior de Deus repete

incansavelmente o convite gracioso. Posso ouvir o terno chamar e chamar de novo neste instante. Você também o ouve, não é?

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

| João 5.1-5

Pura Coragem

“Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.”

1 João 5.4

O Duque de Wellington, que derrotou Napoleão em Waterloo, registrou em seu diário a necessidade de *“coragem para as três horas da manhã”*.

Concordamos com ele. Antes e no meio das batalhas da vida, precisamos de coragem. Coragem é o medo que esteve de joelhos em oração. Sempre que começamos a agradecer a Deus em situações difíceis a coragem começa a fluir. É uma qualidade de espírito que enfrenta o perigo ou a oposição com intrepidez, calma, resolução e determinação. As palavras de Mordecai à rainha Ester põem em relevo nossa necessidade de coragem. *“Quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?”*

Os cristãos primitivos a quem João escreveu precisavam saber que tinham nascido em Cristo para uma época como a que por que passavam. O apóstolo queria que soubessem que sua fé podia vencer o mundo. A palavra kosmon, usada nesta passagem para traduzir mundo, representa a composição de todas as forças antagônicas à nova vida em Cristo. Satanás era o general de divisão dessas forças. Os comandantes das companhias eram os líderes do movimento gnóstico que negava a encarnação. A infantaria era os grupos de anticristos que constantemente perturbavam a segurança dos cristãos em Cristo. Não era fácil ser cristão na Ásia romana. Ridículo, conflito, recusa de emprego, perturbação e perda de dignidade pessoal confrontavam os seguidores de Cristo. Sempre havia o perigo do castigo político. A igreja, com frequência, era forçada a se tornar clandestina.

João não ofereceu conselhos volúveis. Ele apenas disse aos cristãos que venceriam. *“Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.”* Nascido de Deus significa gerado de Deus - chamado, escolhido, nascido como filho ou filha de Deus. João queria que seu povo se lembrasse de que eram filhos queridos de Deus. Como tais, venceriam o mundo por seu poder.

A palavra vencer é usada aqui numa forma verbal que significa vitória contínua no meio de luta incessante. Vencer, na língua grega, é alcançar a vitória. Essa vitória viria à medida que os cristãos recebessem a força situacional para cada ataque do mundo. A palavra vitória é usada duas vezes na passagem a fim de dar força à mensagem. *“Esta é a vitória que vence o mundo.”* Aqui, vitória e vence são formas diversas provenientes da mesma raiz: nikao, a vitória, nike, que vence, nikesasa. O tempo usado transmite o significado de uma única vitória.

Uma visão excitante é inerente ao estudo destas palavras. A vitória de Cristo sobre Satanás, morte e pecado como uma única vitória no tempo e para todo o tempo. O aceitarmos Cristo como Salvador e Senhor torna a sua vitória nossa. Vencemos o mundo, uma vez e para

sempre, porque cremos em Cristo e agora viveremos para sempre. Essa vitória única é a base de nossa coragem que vence no meio do conflito e das dificuldades. O que foi realizado por nós no passado tem aplicação sempre nova. Somos vencedores do indicativo ativo presente; continuamos a vencer com uma nova vitória em cada escaramuça com o mal. Esta é a fonte de nossa coragem.

Quando nos deparamos com o que parece uma batalha impossível, precisamos parar e reunir nossas forças. E podemos contar com um tremendo exército! O próprio Cristo, sua vitória na cruz e a lembrança de intervenções anteriores quando ele foi mais do que suficiente para nos ajudar. O salmista nos dá um cântico de batalha: *“Sede fortes, e revigore-se o vosso coração”* (Salmo 31.24).

Kagawa uma vez disse a um grupo de amedrontados amigos o que todos nós precisamos ouvir. *“Irmãos, vocês não deixaram algo fora do seu raciocínio? Não passaram por cima do fator mais vital de todos? Vocês se esqueceram de Deus e de seu poder sem limites.”* O legado das legiões do Senhor se encontra na mão do próprio Mestre, escrito com a tinta vermelha do Calvário. *“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”* (João 16.33).

João sabia o que estava escrevendo. Ele havia descoberto o dom da coragem na manhã da ressurreição. Cristo havia ganhado. Sua vitória se tornou a vitória permanente de João no Pentecostes quando o Senhor entrou em seu coração. Os longos anos de conflito - espalhando a fé em prisão e perseguição - convenceram-no de que Cristo era capaz. Ele fora apavorado até a morte muitas vezes, mas a morte do interesse próprio. Alguém mais forte do que seus temores sempre intercedia. A memória das palavras de Cristo a ele enquanto na prisão na ilha de Patmos ressoava ainda em seu coração. Veja o relato do próprio João: *“Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno”* (Apocalipse 1.17-18).

O símbolo do programa de treinamento para os leigos de nossa igreja é constituído de duas chaves cruzadas. Ousamos crer que as chaves do reino foram dadas a nosso povo. Podem destrancar as pessoas e libertá-las do pecado e da morte. Fico constantemente espantado pela coragem diária dada ao povo que se firma na vitória de Cristo e que pede seu poder a fim de enfrentar a realidade e as necessidades das pessoas no *“mundo”* do sul da Califórnia. Não é mais fácil ser cristão em Hollywood do que o é em Éfeso ou Laodicéia. Mas o mesmo Senhor vitorioso está à nossa disposição. Contudo, há condições para a coragem. É dom especial aos que fazem o trabalho do Senhor na força dele. Paulo podia perguntar: *“Se Deus é por nós, quem será contra nós?”*. O Senhor é sempre por nós, mas ele nem sempre é pelo que estamos fazendo. Paulo disse: *“Posso todas as coisas mediante Cristo que me fortalece”*. Ele podia fazer todas as coisas que eram guiadas pelo Senhor.

Uma vez que estejamos certos de sua direção, podemos estar igualmente seguros do dom da coragem. A coragem cristã é dada para carregarmos a cruz da obediência. Quando o que desejamos fazer ou ser é uma extensão da cruz, temos a coragem que Cristo teve e nos prometeu dar. É como se Jesus dissesse a nós neste instante: *“A vitória que ganhei pode ser a sua vitória também. O mundo fez o pior que podia para mim e saí vitorioso. A vida pode dar-lhe*

o pior que tem para você também, e você, também pode sair vitorioso. Você pode possuir a coragem para o concurso da cruz". Coragem é o que é dado em face de uma situação difícil e perigosa na qual somos chamados a obedecer à liderança de Deus. Quando sentimos a clareza da direção divina, temos a coragem de seu Espírito.

A razão por que muitos cristãos contemporâneos têm falta de coragem é que não participam de questões e desafios nos quais o Senhor é seu único meio visível de apoio. A maioria das coisas que tentamos podem ser feitas com nossa própria força. A aventura da vida cristã tem início quando ousamos fazer o que jamais poderíamos realizar sem a ajuda do Espírito Santo. É aí que a coragem é recebida.

Em que área você precisa de coragem a esta altura de sua vida? Considere o que seria fazer a vontade de Deus nessa situação. Pergunte-lhe. Quando estamos decididos a seguir o que ele nos diz que façamos, o dom da coragem estará aí justamente na hora certa. Não podemos armazenar coragem; é dada na fúria enraivecida da batalha.

João nos leva de volta à fonte de uma fé vitoriosa. *"Quem é o que vence o mundo senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?"* Não é surpresa para nós. Crer em Jesus como o Filho de Deus destranca o poder divino para as lutas de hoje. O nome de Jesus abre o coração de Deus para o calor de nossas batalhas. Tudo o que pedimos em o nome de Jesus nos será dado. Um bom teste. Toda a oração que pede coragem na perspectiva do nome de Jesus estará de acordo com seu plano e propósito para nós. Se temos certeza desse fato, a coragem será para as crises das *"três horas da manhã"* que enfrentamos a qualquer hora do dia ou da noite.

Uma palavra pessoal para terminar. Tenho, repetidamente, recebido coragem em minha peregrinação como pessoa e líder. Quando sou tentado a desistir e me desencorajar, o Senhor sempre tem vindo com um novo impulso de coragem. Quando peço coragem e não a recebo, deixo cair o programa ou a visão como uma brasa ardente. Se o Senhor não está nele, também não quero estar. Mas se ele se encontra aí e é parte de sua vontade para mim, coragem infatigável emana do Espírito Santo.

ORAÇÃO PARA O DIA:

"Senhor, tu sabes melhor do que nós o que enfrentamos hoje. Precisamos da tua coragem. Entregamos todas as nossas esperanças e sonhos, orações e visões à tua perfeita vontade. Desejamos fazer o que tu queres que façamos. Obrigado pelo dom da coragem. Em nome de Jesus Cristo, que venceu o mundo. Amém."

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5 Dia

| João 5.6-10

As Três Testemunhas

“E três são os que testificam na terra: o Espírito, a água, e o sangue, e os três são unânimes num só propósito.”

1 João 5.8

Há tanto para aprendermos do conteúdo e do contexto desta passagem. João nos ensina a lidar com o ensino falso e, ao fazê-lo, dá-nos prova positiva da nossa própria fé. Ele toma uma situação problemática e a usa para comunicar a verdade triunfante.

Primeiro, considere o contexto. Esta passagem foi motivada pela necessidade de contra-atacar uma marca sutil de gnosticismo ensinado por um filósofo chamado Cerinto de Éfeso. João vai diretamente contra ele, não com exposição pessoal nem com acusações, mas com uma afirmação clara da verdade.

Cerinto ensinava que Jesus de Nazaré se tornou o filho de Deus ao ser batizado por João Batista no rio Jordão. Ele afirmava que o Cristo divino desceu sobre o homem Jesus nessa época e abençoou o seu ministério, mas partiu antes do sofrimento da crucificação. Cerinto e seus seguidores não podiam aceitar o pensamento de que Deus tivesse sofrido a dor humana e a angústia do Gólgota. Diziam eles que era o homem Jesus quem foi crucificado e ressurgiu. O gnosticismo de forma refinada, pois como é que o puro Espírito poderia suportar a vergonha e o sofrimento da carne no Calvário? O ensino falso deles em resposta a esta questão infeccionava o corpo de Cristo, a igreja.

Note como João trata com a heresia. Agora podemos entender por que ele fez uma afirmativa tão forte acerca das três testemunhas: o Espírito, a água e o sangue. João tomou os dois aspectos da encarnação que Cerinto propagava e acrescentou um terceiro essencial. O sangue da cruz não podia ser omitido. Era absolutamente necessário para uma compreensão e experiência completas do amor de Deus revelado em Jesus Cristo.

João nos mostra que a única maneira de lidar com a falsidade é afirmar a verdade. A igreja seria vulnerável ao vírus do ensino de Cerinto somente se negligenciasse as coisas básicas. Heresias crescem nas igrejas onde a vida, morte e ressurreição de Cristo e a sua presença viva não são pregadas ou ensinadas de maneira convincente. Hoje temos as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento como base de autoridade de fé e prática. Congregações sadias são bíblicamente orientadas, centralizadas em Cristo, fundadas na cruz, enraizadas na ressurreição e fortalecidas pelo Senhor vitorioso. João não possuía a Bíblia como a temos hoje, mas ele tinha sua própria experiência da encarnação. Tudo o que ele ensinava era baseado em sua firme convicção de que *“o Verbo se fez carne e habitou entre nós”*. Era esse o fulcro de sua fé. O fundamento básico sobre o qual o cristianismo todo gira é que Deus estava em Cristo para redimir o mundo.

João se recusava a deixar de lado o mistério da cruz em teorias simplistas e filosóficas que fugiam das profundezas a que chegavam o amor e o perdão de Deus. As palavras do próprio Jesus retumbavam na alma de João. *“Eu e o Pai somos um (...) O Pai está em mim, e eu estou no Pai”* (João 10.30 e 38). Nisso não havia ambiguidade! João ouviu estas palavras e não podia jamais se esquecer de que Jesus tornava claro que era o Messias, o Filho de Deus, o poder criador de Deus. Foi depois da crucificação e da volta do Senhor no poder do Espírito no Pentecostes que isso se tornou uma convicção inegável no centro do ser de João. Então ele teve a certeza de que a cruz significava mais do que um amigo amoroso ter morrido por seus seguidores. O Mestre a quem João seguira era verdadeiramente o Emanuel, Deus conosco.

Podemos imaginar a emoção incontida de João e dos outros apóstolos ao refletirem sobre tudo o que Jesus havia dito e feito. Com a ajuda do Espírito Santo eles juntaram as peças. João jamais poderia se esquecer da primeira vez que viu Jesus e ouviu João Batista clamar em triunfo: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”*. Ele não compreendeu o que isto significava então, ou durante os três anos que passou como discípulo de Jesus, ou mesmo quando o Cordeiro agonizava sobre a cruz enquanto João, de pé, olhava. Foi mais tarde, quando um túmulo vazio e a experiência do Senhor ressurreto se tornaram a segurança de sua vida, que João pôde escrever: *“Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer”* (João 1.18. Edição Revista e Corrigida).

E o que ele revelou foi focalizado com sublimidade na cruz. O Cordeiro de Deus havia sido morto pelos pecados do mundo. Deus revelou seu coração perdoador na linguagem e símbolos do sistema sacrificial do Israel antigo. Por séculos o sacrifício do cordeiro imaculado e o derramar de seu sangue dava ao povo a segurança da propiciação. O sangue simbolizava a vida e era sagrado para Deus. Mas nunca o foi tanto quando seu próprio Filho se tornou o Cordeiro do sacrifício em uma oferta única e que jamais seria repetida pelos pecados de todos os povos em todas as épocas.

É por isso que o sangue de Cristo não podia ser tirado da pregação de João e do ensino da propiciação. Nesta passagem de sua carta, é como se ele estivesse dizendo: *“Há alguns que estão em grave perigo porque brincam com o sangue da cruz. Tomem cuidado. Vocês não podem tirar a testemunha do sangue da encarnação. Sua salvação, o perdão de seus pecados e sua vida eterna estão em jogo! O divino Logos, o Espírito que criou o universo, habitou em Jesus e foi à cruz por nós. Jamais se esqueçam de quem era o sangue que foi vertido por vocês”*.

Temos necessidade desesperadora do conteúdo do ensino de João na igreja hoje. Precisamos nos lembrar da grave realidade do que nossa salvação custou para Deus. Quando as três testemunhas se transformam em nossa própria experiência é que recebemos o impacto total da encarnação. O Espírito, a água e o sangue se tornam um teste triplo da autenticidade de nossa vida cristã. Nenhum deles pode ser deixado de fora. Cristo viveu, morreu e ressurgiu para que pudéssemos conhecer todos os três. O que aconteceu a Cristo acontece agora conosco. Quando invertemos a ordem das três testemunhas, tal fato se torna aparente para nós. O Cristo vivo recapitula sua própria vida em nós.

O sangue abre nosso coração. É a mensagem do amor e perdão da cruz que desfaz nossa resistência e independência. Ao pé da cruz sabemos o quanto Deus nos ama. Cristo sofreu por você e por mim para que pudéssemos ser perdoados e totalmente reconciliados

com Deus. A autojustificação já não é necessária. Somos justificados mediante a fé no que Deus fez por nós no Calvário. Sozinhos não podemos ganhar nem merecer o que nos é oferecido. O passado está perdoado e cada novo fracasso nos leva de volta a uma experiência saudável de um amor que não nos deixará ir. O amor de Deus não conhece limites.

Aceitar nossa salvação por meio da cruz nos leva ao batismo. É nossa experiência de morte e ressurreição. Quer sejamos imersos, quer aspergidos, o significado básico é o mesmo. Nosso velho eu é rendido e uma nova pessoa em Cristo é liberada. Somos batizados em Cristo e na família de Deus. O ato simbólico do batismo se repete cada vez que entregamos nossa vida e necessidades a Cristo.

O batismo no Espírito segue naturalmente. Somos enchidos com a plenitude do poder do Espírito que nos capacita a viver com alegria e segurança. Todas as três testemunhas são dons do Espírito. Ele cria a percepção de nossa necessidade, traz à nossa memória o que foi feito por nós na cruz, ajuda-nos a responder a ele e vem morar dentro de nós como poder que motiva e dirige. Sabemos que o que Deus realizou em Cristo é verdadeiro, por causa da experiência da encarnação em nossa vida. É isso que João queria dizer com: *“Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus, o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca de seu Filho”*. Negar o que Deus disse acerca de si mesmo em Cristo é o que Cristo disse ser em seu propósito amoroso para conosco, é perder o dom que nos foi oferecido.

Vivemos numa época em que a heresia de Cerinto é tão difundida quanto o foi quando João escreveu à igreja primitiva. Há muita confusão acerca de Cristo na igreja e por toda a sociedade. As três testemunhas são necessárias para testemunharmos aos nossos contemporâneos. Não ousamos omitir nada de nosso testemunho do que Cristo fez por nós. Natal, Sexta-feira Santa, Páscoa e Pentecostes são motivos para esperança numa era de desespero.

Pouco antes de iniciar a escrever este capítulo, almocei com um piloto de avião a jato muito sofisticado. Ele tem frequentado a igreja e encontrou uma nova vida em Cristo. Jamais me esquecerei do que ele disse no final de nossa conversa. Ajudou-me a perceber que a palavra de João à igreja muito tempo atrás é nova para hoje.

- Obrigado por apresentar-me o evangelho todo. Tenho participado de quase toda forma de filosofia e psicologia a fim de encontrar o significado de minha vida. Agora sei que o Cristo que morreu pelos pecados do mundo, também morreu por mim. Se o senhor tivesse deixado a cruz de lado, eu jamais teria encontrado o que estava faltando em minha vida. Eu não precisava de Cristo apenas como um exemplo, mas eu necessitava desesperadamente de cura e perdão para a culpa e frustração que existem dentro de mim. Agora me sinto amado e perdoado. Essa experiência abriu-me para receber a permanência do próprio Cristo.

Meu amigo experimentou o que Cerinto perdeu. Cristo se tornou como nós para nos fazer à sua semelhança. Ele tomou nosso lugar para que pudéssemos ser colocados entre os amados de Deus.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6 Dia

| João 5.11-13

Dê-lhe o Céu

“E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.”

1 João 5.11-12

Certa tarde de domingo recebi um telefonema da polícia. Disseram-me que uma senhora, membro de nossa igreja, estava em grave dificuldade. Corri para a casa dela. A polícia e o corpo de bombeiros chegaram antes de mim. Enquanto eu corria para a varanda, um bombeiro quebrava uma janela da frente. Todas as portas e janelas estavam trancadas.

O cheiro óbvio de gás surgiu pela janela quebrada. Um bombeiro entrou pela janela e destrancou a porta da frente. Todos nós entramos correndo e desembocamos na cozinha. Aí encontramos uma jovem mulher com a cabeça dentro do fogão, respirando o gás, esperando pôr fim a tudo e ficar livre da tensão, frustração e ansiedade de sua vida.

Jamais me esquecerei do que ela disse enquanto eu a puxava para fora e a abraçava. *“Ainda estou viva? Eu queria parar de viver.”* Depois de uma longa conversa a respeito das causas do seu desespero, eu disse:

- Minha querida amiga, você podia terminar a vida do seu corpo físico, mas passaria a eternidade na condição espiritual em que se encontrava quando colocou a cabeça dentro do forno do fogão.

Ela ficou espantada. Achava que pôr fim à vida física era a libertação final, mas não é isso o que acontece. A morte física é apenas uma transição na vida, não um término. Há vida depois da morte para todos. A questão é onde, como e com quem passaremos a eternidade. A morte não acaba com tudo nem nos lança num estado em que podemos fazer as escolhas que recusamos fazer nos dias de nossa vida. Isso levanta uma pergunta.

Se você tivesse de fazer uma escolha entre a vida imortal e a vida eterna, qual escolheria? Se neste mesmo instante você tivesse de fazer essa escolha, que determina o seu destino, qual escolheria? Todos nós já possuímos uma delas. Alguns têm a outra também. Uma condiciona o que a outra será. Todos nós temos a vida imortal. A vida eterna determina o tipo de imortalidade.

A vida eterna é qualidade com quantidade; a vida imortal é quantidade sem a qualidade. Todos viverão para sempre, mas nem todos terão a vida eterna. Nosso texto proclama a verdade central. João nos dá a esperança e o poder de experimentá-la agora e para

sempre. “E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 João 5.11-12).

Vida imortal simplesmente significa que viveremos para sempre. A vida eterna é a qualidade de vida que começa durante esta vida e continua além da morte. E a nova vida em Cristo iniciada quando aceitamos Cristo como nosso Salvador, permitindo-lhe que viva em nós, e crescemos em um relacionamento que não tem fim, mas continua aumentando em alegria e poder antes e depois da morte física. A pessoa real que há dentro da casa de nosso corpo físico – o composto de mente, emoção e vontade – é nossa alma eterna. O propósito dos anos de nossa vida aqui é estabelecer a comunhão com Cristo que capacita a vida abundante. Essa vida não pode ser espremida no breve espaço de tempo que vai de nossa conversão até nossa morte. Nascermos neste mundo a fim de viver a vida abundante sem reservas, triunfante e vitoriosa para sempre.

Jeremy Taylor disse que há um relacionamento inseparável entre o viver santo e o morrer santo. É esta a segurança que João quer que seus amigos possuam. Baseia-se em cinco convicções críticas que desenvolvem a progressão de nossa compreensão do testemunho de João acerca da vida eterna. Primeiro, o próprio Deus é eterno. Ele não tem princípio nem fim: ele é para sempre. Segundo, a vida de Deus, que é eterna, foi manifestada na carne em Jesus Cristo. Ele é o poder criador de Deus mediante quem tudo foi criado. Ele é o Logos; o Alfa e o Ômega; o começo e o fim de toda a criação. Ele veio não apenas a fim de revelar Deus a nós, mas ser Deus em nosso meio. Mais do que a verdade acerca de Deus, Jesus Cristo é o coração amoroso e perdoador do Deus conosco. Sua vida foi indestrutível; o túmulo não o pôde reter; os poderes da morte foram derrotados em sua ressurreição.

Terceiro, a vida eterna age intermediariamente como um dom. É realizada em um relacionamento pessoal com Cristo. Quando entregamos nossa vida total a ele passamos do poder da morte para a energia de sua vida em nós. Quando “*nascermos de novo*” mediante um novo começo, a ameaça da morte é afastada. A morte mais crítica que o cristão experimenta é a morte de si mesmo. Isto acontece muito antes da morte física.

Quarto, o dom é nosso pela fé. Quando colocamos nossa fé em Cristo e no que ele fez por nós na cruz, nosso destino eterno é decidido de uma vez por todas. Pela fé nos tornamos continente e comunicador do Espírito de Deus. Nossas almas são enchidas e interligadas com seu Espírito. A prova absoluta de nosso relacionamento com ele é que sabemos que a morte não nos pode separar dele e que o céu já começou.

Por último, a vida do Senhor em nós é indestrutível e invencível. Somos libertos da raiz de todo o temor: o temor da morte. Podemos encarar as frustrações e os desapontamentos da vida sabendo que nada, em última análise, pode nos destruir.

Estou escrevendo este capítulo depois de um longo dia de trabalho. Acabo de chegar do Centro Médico Presbiteriano de Hollywood aonde fui visitar uma corajosa senhora chamada Joy (alegria). Ela não tem muito tempo de vida. O câncer invadiu quase todos os tecidos do seu corpo. Os médicos lhe disseram que ela tem apenas alguns dias de vida.

Quando este livro for impresso, ela estará mais viva do que está esta noite. Joy entregou sua vida a Cristo anos atrás. O Espírito eterno de Cristo vive nela.

Jamais me esquecerei de uma viagem à Terra Santa com um grupo de pessoas de nossa igreja. Joy sabia, mesmo nessa época, que não tinha muito tempo de vida física. Tivemos alguns instantes de oração especial por ela em Cafarnaum, junto ao mar da Galiléia. Ela agradeceu a Deus os meses ou os anos que ainda viveria em seu corpo canceroso. Os dois últimos anos têm sido uma batalha contra a dor e a angústia. Mas, por meio de toda a provação, ela permaneceu fiel ao seu nome. Alegria! Esta noite ela está morrendo. Mas a morte parece estranhamente impotente neste quarto de hospital. Quando lhe tomo a mão, ela diz com confiança: *“Vou para o lar em breve, você sabe. Mas não estou preocupada. Cristo vive em mim. A morte será um intervalo na história contínua de minha vida. Não tenho medo porque sei que estou viva para sempre”*.

Saí do hospital com o coro Aleluia ressoando-me na alma. Tudo o que tento viver e pregar é validado nesta mulher vitoriosa. Eu disse a mim mesmo: *“É verdade! As pessoas podem ouvir o evangelho e aceitá-lo. Cristo pode fazer residência em suas almas. A vida eterna é certa para os que pertencem a Cristo!”*.

De volta ao escritório para escrever durante algum tempo antes de ir para casa, fiquei a pensar no restante de minha congregação, em meus amigos ao redor do mundo. Em você! Que certeza têm eles? Que confiança tem você? As pessoas às vezes me dizem que prego, ensino e escrevo como um moribundo a homens e mulheres que estão morrendo. Sei como João se sentia: *“Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus”*.

Tenho um amigo maravilhoso que sempre me lembra do meu propósito. Amiúde ele ora comigo justamente antes de eu entrar no santuário a fim de dirigir o culto. Ele sempre me diz algo em despedida. *“Dê-lhes o Céu!”* Não é um mau desafio para um pregador, ou qualquer um de nós. Foi-nos dado o poder de levar o amor de Cristo às pessoas e ajudá-las a conhecê-lo. Podemos dar-lhe o dom do céu.

Sonhei com isso certa noite. Em minha mente, vi a gente de minha congregação em pé em um campo aberto. Então a terra começou a tremer e uma vala enorme começou a alargar-se. Vi pessoas a quem amo com um pé em cada lado da enorme fenda. Em desespero frenético tentavam se equilibrar por sobre a enorme abertura. Então vi o Senhor de um lado acenando para que as pessoas pulassem para onde ele se encontrava. *“Pulem!”*, gritei, *“pulem para o lado do Senhor!”* Era preciso fazer uma escolha. O sonho era uma sublimação de meu interesse diário: que as pessoas a quem tanto amo encontrem a vida no meio do seu viver.

A igreja de Cristo tem sido adequadamente chamada de *“companhia da ressurreição”*. Não apenas o lugar onde se prega a vida eterna, mas a comunhão alegre dos que estão vivos para sempre. Cada domingo deve ser uma celebração da ressurreição para que cada dia possa ser uma experiência da vida que não conhece a morte.

Paulo o disse com palavras inegavelmente penetrantes em Romanos 6.23: *“Porque o salário do pecado é a morte.”* Pecado é a separação de Deus, autodeterminação rebelde,

independência imperiosa que nos torna impenetráveis ao amor e propósito do Senhor. O final disso é a morte que marca o limite: sem um relacionamento vital com ele, todos nós passaremos a eternidade separados de Deus e de toda beleza e bênção que vicariamente desfrutamos agora.

Mas agora veja a segunda metade da frase de Paulo. *“Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor.”* Nosso pecado de separação é perdoado e recebemos o dom de não apenas viver para sempre, mas eternamente em união íntima com Cristo. A brevidade do tempo e a longuidão da eternidade nos apavoram. Estamos dispostos a ouvir os passos simples de Paulo dados mais tarde em Romanos: *“Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para a justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação”* (Romanos 10.9-10).

A chave que abre o céu agora e para sempre é a fé no coração interior e a confissão franca por meio de palavras. Podemos estar certos de estarmos vivos em uma qualidade de vida que a morte não pode terminar. Então podemos ter certeza absoluta do futuro. *“Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça. Se habita em vós o espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu espírito que em vós habita”* (Romanos 8.10-11).

Um jovem estava sentado do outro lado de minha escrivaninha. Ele disse:

- Por que toda esta conversa acerca da vida eterna? Eu quero viver uma vida de cada vez. Deixe que eu viva esta agora. Vou me preocupar com a outra mais tarde. Minha resposta foi:
- Mas pense em tudo o que você vai perder entre agora e depois.

Tentei falar com ele a respeito da realidade da vida eterna agora. Como desejaria poder contar a meus leitores uma história de sucesso que terminasse com o atleta brilhante e simpático aceitando a Cristo. A história não tem esse final. O jovem morreu num trágico acidente de carro duas semanas mais tarde. Ele recusou o dom da vida eterna, pensando que tivesse todo o tempo do mundo. Agora ele tem todo o tempo da infinidade sem a alegria que recusou durante os vinte e dois anos que aqui passou. Ele tem a imortalidade sem a vida eterna.

Depois que Paulo se elevou em retórica sublime, explicando a nova criação e a afirmação de que podemos ser novas criaturas em Cristo, ele disse: *“Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação”* (2 Coríntios 6.2).

A grande declaração de Cristo acerca do seu dom a nós termina com uma pergunta: *“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente. Crês isto?”* (João 11.25-26).

Nossa resposta determinará se a vida eterna impregnará ou não nossa imortalidade.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

| João 5.14

Como Orar com Confiança

“E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve.”

1 João 5.14

Recentemente anunciei um seminário sobre oração com o título de “O Segredo da Oração”. Muitas pessoas vieram porque queriam saber o segredo.

Alguns anos atrás comecei a imaginar por que minhas orações não eram eficazes. Eu tirava algum tempo diariamente para orar e meditar, mas recebia poucas respostas. Em cada oportunidade ou dificuldade eu orava com vigor, mas não recebia o poder que ansiava e do qual precisava desesperadamente. Devorei todos os livros sobre a oração que pude encontrar, esperando descobrir a solução e satisfazer a fome interior. Meu estudo dos cristãos dinâmicos por meio dos séculos revelou que eles receberam poder da oração. Minhas orações, porém, pareciam mais um monólogo que um diálogo. A única voz que eu ouvia em resposta às minhas orações era o eco de minha própria súplica.

Então certo dia minha leitura do Novo Testamento levou-me a 1 João 5.14 e 15. Eu já tinha lido a passagem muitas vezes antes, mas nunca tinha visto o segredo que descobri nesse dia. De fato, meu exame de ordenação em grego, anos atrás, tinha incluído esta passagem e minha exposição naquela época não me dera a perspicácia que encontrei no dia que o Espírito Santo me ensinou a orar com base neste texto. O que fez a diferença foi a revelação.

As palavras que João escreveu para ajudar os cristãos primitivos brilharam com sabedoria como se tivessem sido escritas para mim apenas. O versículo 15 abriu o tesouro do versículo 14. João queria que seus amigos orassem com confiança. Lembre-se de que já mencionamos que confiança é tradução da palavra grega ousadia. Eu precisava de ousadia em minhas orações; eu tinha chegado ao ponto em que me desculpava por ousar pedir qualquer coisa de Deus, sempre temendo que eu pudesse pedir a coisa errada ou egoísta. João me atingiu: se pedirmos alguma coisa segundo a vontade de Deus, ele nos ouvirá. Eu não estivera pedindo de acordo com a vontade de Deus. Mas como eu poderia ter a certeza de sua vontade? Você já teve esse problema? Então o versículo 15 foi iluminado pelo Espírito: “E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito”. A palavra grega para “pedir”, “pedidos” e “feito” neste versículo provém de uma raiz comum, aiteo. “Pedir” é aitometha; “pedidos” é aitemata; e “feitos” (ou “pedido”) é eitekamen, o indicativo ativo perfeito de aiteo, pedir enquanto permanece em confiança calma.

A mensagem destes versículos forçou-me a inverter as percentagens do tempo que gasto em oração. Até esta época eu tinha passado 90% de minhas orações dizendo a Deus o que precisava, 10% ouvindo-o. Meu tempo de escuta geralmente vinha depois, em vez de

preceder minhas intercessões e súplicas. Quando pedimos de acordo com a vontade de Deus, sabemos que já obtivemos o nosso pedido. Devemos pedir enquanto permanecemos. Se permanecermos em nossas orações, o que pedirmos estará mais próximo do que o que o Senhor deseja para nós. Isso significa que devemos permanecer até que tenhamos consciência de que o Senhor está pronto para dar. Então podemos orar com ousadia, sabendo que ele está pronto a responder segundo a compreensão iluminada de sua vontade. Oração confiante tornou-se 90% de escuta por conscientização, e 10% formulação de meus pedidos. Assim, o poder da oração vem mediante a conscientização do que o Senhor quer que oremos.

Um exemplo muito pessoal disto é apresentado na experiência de um casal que orava por mim como pastor e amigo. Sentiram o impulso de orar por mim. Tinham sentimentos positivos e inquietantes do que minhas necessidades pudessem ser. Por amor, perguntaram-me o que precisava que eles orassem em intercessão. Tentei dizer-lhes tão honestamente quanto pude. Contudo, enquanto eu relatava a análise de minhas necessidades, encontrava-me cômico de que havia necessidades muito pessoais e íntimas que deixava de lado. No dia seguinte eles oraram com as informações que tiraram de suas observações preciosas e de minha análise reservada. Por alguma razão, naquele dia se sentiram levados a permanecer quietos por um longo período de meditação antes de orar a Deus por mim.

A hora que separaram para a oração foi usada quase que inteiramente para ouvir especificamente a meu respeito. Uma conscientização humilde e gratificante de que se importam tanto comigo. Enquanto meditavam, o Senhor criou neles o desejo de orar pela mesma coisa que eu deixara de comunicar-lhes. Quão tola fora minha reserva! Então eles oraram especificamente pelo desafio que eu enfrentava e que o Senhor lhes revelara. Quando mais tarde me contaram, fizeram-no com muita brandura. *“Lloyd, meditamos sobre o que pensávamos ser suas necessidades e o que você disse, mas é sobre isto que fomos levados a orar por você”*. Estes dois guerreiros da oração relataram a coisa exata de que eu mais necessitava. Foi essa a última vez que escondi minha necessidade verdadeira daqueles dois ou de milhares de outros que apoiam meu ministério em oração.

Subsequentemente tenho gastado longos períodos em silêncio, praticando o que eu chamo de meditação de conscientização. Todos nós possuímos uma estranha mistura de pressuposições, preconceitos e prejuízos acerca do que pensamos ser as necessidades das pessoas ou sobre o que as situações requerem. Executamos um longo monólogo em oração, informando a Deus o que ele devia fazer. Quão grande é sua paciência! Há tanta coisa que não sabemos nem compreendemos. Ele vê com a visão penetrante de raio-x as mentes e corações das pessoas por quem oramos. Cada desafio que encaramos faz parte da trama do seu plano. Como é que ousamos dizer o que Deus deva fazer?

Um amigo meu analisou a conversa que teve com um amigo mútuo que passava por um grave problema.

- O que aconselhou você? - perguntei-lhe.

- Ele não pediu minha opinião. Passamos várias horas juntos. Ele falou o tempo todo. Quando eu estava pronto para lhe dizer o que eu pensava, ele encerrou a conversa.

- Como é parecido com nossas orações a Deus! Carl Sanburg disse que precisamos redescobrir a nós mesmos em solidão criativa. Não apenas a nós mesmos, também a Deus - e suas perspectivas quanto às nossas complexidades. Thomas Edison disse que ele ouvia de dentro. Isso é muito bom se a voz de dentro for a de Deus. Gosto da visão de Oliver Wendell Holmes: o problema de nossa mente é ser como uma conta bancária e o motivo de ela estar sem fundos é que não depositamos nada. Amiúde, pagamos sem permitir que Deus faça um depósito de dados que podem nunca nos ter ocorrido.

Oração não é um artifício para levar Deus a fazer nossa vontade, mas um meio pelo qual nossas petições são redirecionadas segundo a vontade divina. Uma das coisas mais difíceis que Jesus apresentou a respeito da oração foi que ela requer tempo para conhecer a vontade de Deus. *“Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”* (Marcos 11.24). Tendo um poder como esse à nossa disposição, precisamos estar seguros do que pediremos.

Muitos achavam difícil se concentrar em Deus e deixar de fora o barulho de suas vidas ocupadas. Alguns descobrem que só depois de um longo período de concentração em Deus e seu amor é que puderam abrir-se para ouvir o que ele estava tentando dizer-lhes. O que me espanta é que, na maioria dos casos, as pessoas receberam a sabedoria que, subsequentemente, tem destrinchado as necessidades pessoais, interpessoais pelas quais foram finalmente capacitadas a interceder criativamente. A pergunta que continuo a fazer a mim mesmo é: o que teria acontecido se não tivessem aprendido a meditar até conseguirem a conscientização?

Eu não devia ficar alarmado. Pense em quanto tempo eu fora crente antes de aprender esta simples fórmula de divisão de falar e ouvir na proporção de 90 para 10. Estou bem cômico de que a maioria de nós perde o poder da oração e muitas bênçãos que Deus está pronto a conceder, simplesmente porque não tiramos tempo para que Deus diga o que ele está mais pronto a dar do que estamos a pedir. É parte do mistério que Deus espera até que peçamos as bênçãos que realmente necessitamos.

Um versículo de Isaías tem me ajudado a saber que as respostas a algumas das orações são atrasadas até que nossas petições se desenvolvam. Não existe oração não respondida, mas há muitas orações que parecem não ter respostas porque não perguntamos a Deus como orar. Isaías sabia a realidade desse fato. *“Por isso o Senhor espera, para ter misericórdia de vós, e se detém para se compadecer de vós, porque o Senhor é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam”* (30.18). Quando penso nas muitas vezes em que Deus não me concedeu o que eu pensava precisar, fico muito agradecido. Se eu tivesse recebido alguns dos meus pedidos, não teria sido bom para mim nem para as pessoas a quem amo. No período de espera a petição foi aperfeiçoada. Depois que recebi o dom do discernimento para saber por que orar, a resposta veio em seguida.

Tudo isto nos deixa com um sentimento maravilhoso de sermos amados. Quão bom é Deus em dispor-se a revelar sua estratégia a nós de modo que possamos orar em cooperação com ele. O maior dom da oração é a comunhão com o próprio Deus. Talvez o motivo por que ele não dá uma resposta rápida até que busquemos sua vontade para saber o que pedir, é que ele deseja que permaneçamos em companheirismo amoroso.

Jesus concluiu a parábola do vizinho importuno que precisava de pão com o segredo da oração. *“Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”* (Lucas 11.13). A dádiva mais magnífica que Deus pode dar é seu próprio Espírito. Ele espera que peçamos. Não importa o que possamos receber como instrução acerca de como orar, se temos o companheirismo sublime e o poder superlativo do Espírito Santo, tudo mais é secundário.

Alguns passos específicos podem ajudar, em resumo.

1. Separe períodos definidos para meditação todos os dias.
2. Apresente as necessidades e interesses que lhe vão na mente.
3. Permita que Deus dirija seus pensamentos mediante a conscientização criadora.
4. Escreva o que o período de meditação revelou.
5. Ore com ousadia, agradecendo a Deus de antemão que o que ele o levou a pedir aconteça a tempo e de acordo com seu plano perfeito.

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Senhor, desejo colocar em prática a coisa espantosa que João me deu nestes dois versículos poderosos. Neste instante, entrego-me ao poder da oração mediante a conscientização. Quero tirar tempo agora e todos os dias para ouvir antes de falar, de modo que, quando orar, possa fazê-lo com ousadia. Obrigado pela dádiva da comunhão contigo em oração. No nome que liberta o poder de teu coração, o nome de Jesus Cristo. Amém.”

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?